



Outorga do Título de Professor Emérito a

Aziz Nacib Ab' Saber

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

**Cerimônia de Outorga
do Título de Professor Emérito**

Prof. Dr. Aziz Nacib Ab' Saber

Saudação Proferida por

Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Prof. Dr. Aziz Nacib Ab' Saber.
São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2003.
40 p.

Discursos por Adilson Avansi de Abreu, Aziz Nacib Ab' Saber, Jacques Marcovitch

ISBN

1. Ensino superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Abreu, Adilson Avansi de II. Ab' Saber, Aziz Nacib III. Marcovitch, Jacques IV. Série

CDD 378

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PROF. DR. ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA	
DISCURSO DE SAUDAÇÃO	11
PROF. DR. ADILSON AVANSI DE ABREU	
DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO	25
PROF. DR. AZIZ NACIB AB' SABER	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
PROF. DR. JACQUES MARCOVITCH	

APRESENTAÇÃO

O Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sentiu-se engrandecido com a outorga do título de professor emérito de nossa faculdade ao Prof. Dr. AZIZ NACIB AB'SABER, no dia 13 de março de 2000. Não se tratou apenas da concessão de uma comenda. Tratou-se, isto sim, do reconhecimento acadêmico de uma carreira científica que colocou e coloca a Geografia entre as principais áreas do conhecimento na atualidade.

A obra do Prof. Dr. AZIZ NACIB AB'SABER já se tornou clássica. Seus trabalhos constituem-se em verdadeiros clássicos da Geografia brasileira. Suas pesquisas sempre foram marcadas pelo rigor científico, e as questões investigadas sempre foram partes integrantes da paixão do pesquisador: o paleoclima, a paleoecologia, a geomorfologia e a ecologia. A visita às raízes dos objetos de seus estudos sempre indicaram a necessidade da compreensão dos processos genéticos de suas origens. Prof. Aziz, como prefiro chamá-lo, varreu, sob o signo da metodologia geográfica, a necessidade que nós, brasileiros, e a humanidade em geral têm de compreender a fragilidade da geoeecologia dos trópicos úmidos. Porém a vicissitude do pesquisador comprometido com o mundo e o país de seu tempo, revelou-se fotograficamente na maioria de seus trabalhos. Prof. Aziz mostrou-nos, a partir dos estudos e das observações feitas nos muitos rincões do Brasil e sobretudo

da Amazônia, as implicações e impactos que a ocupação desordenada e desorientada podem causar à Amazônia, ao Brasil e à humanidade. Somos privilegiados pela oportunidade histórica de pertencermos a uma geração de geógrafos formados por ele.

Seus estudos diagnosticaram com olhos de lince o quadro natural do Brasil e da América do Sul. Abordou sempre problemas e soluções, indicando alternativas. Arguto, procurou mostrar a distância entre o cientista e o tecnocrata, fugindo do envolvimento político que o estudo científico, muitas vezes, impõe ao investigador. Armas e armadilhas estão presentes em seus textos. Só ele conseguiu articulá-las e armá-las com maestria. Como um pesquisador emérito, viveu grande parte de seus dias diante de uma realidade economicamente racional, politicamente equivocada, socialmente injusta e ideologicamente questionável. Como um geógrafo no interior dos meandros, como ele gostava de dizer, viveu contradições, avançou, recuou quando necessário, driblou as diversidades e ajudou a pensar soluções importantes para este país continente.

Nunca fugiu à luta, quando diante da hipocrisia dos políticos nacionais, regionais e locais, e da astúcia dos grupos econômicos multinacionais, cravou as marcas da ciência, a trajetória de muitos enfrentamentos. Nunca deixou de apresentar os limites políticos do investigador. Por melhores que sejam, do ponto de vista racional (científico), análises e diagnósticos, nem sempre as políticas governamentais as levam em consideração. Aliás, como muitos políticos e os tecnocratas em geral são sempre adeptos dos interesses dos grupos empresariais nacionais ou multinacionais, o Prof. Aziz revelou a todos nós a necessidade histórica dos estudos geográficos e de seus limites. Quando necessário, não titubeou em ir à justiça para restabelecer a verdade de suas investigações. O depoimento que encaminhou à Procuradoria Geral da República, ficará como um exemplo da consciência e dos parâmetros que a investigação científica contém. Certamente, para ele sempre foi melhor restabelecer a verdade a conviver com a omissão, e, o restabeleci-

mento da verdade fortaleceu a consciência política do pensador.

Escreveu trabalhos brilhantes onde o coração do cidadão indicou à inteligência nacional a oportunidade e a necessidade de se ouvir as populações pobres e construir com elas as soluções de seus problemas. Prof. Aziz tem sido mestre na arte de aliar a ciência à política, na defesa dos interesses dos trabalhadores do país.

Por fim, como professor ajudou a formar gerações e mais gerações de professores, pesquisadores e geógrafos, que por certo reproduzem seus ensinamentos e fazem avançar suas pesquisas.

Vida longa Prof. Aziz, pois o Departamento de Geografia e nossa Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas têm orgulho de tê-lo como PROFESSOR EMÉRITO.

PROF. DR. ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA FFLCH-USP

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

PROF. DR. ADILSON AVANSI DE ABREU
PRÓ-REITOR DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Foi com enorme satisfação que recebi a incumbência da Diretoria da Faculdade e da Chefia do Departamento de Geografia para proferir esta saudação. Tarefa agradável de ser executada, pois eu já havia sido solicitado pelos organizadores do VII Simpósio de Geografia Física Aplicada, realizado em 1997, em Curitiba, para saudar o Prof. Aziz, quando da homenagem que lhe seria prestada no referido encontro. O pedido do Departamento permitiu-me retomar o material então preparado e trazê-lo a público nesta oportunidade.

Quero, preliminarmente, reafirmar a enorme satisfação em poder agradecer ao professor que teve papel fundamental na minha formação acadêmica. Apesar disso, esta é uma tarefa difícil de ser enfrentada em face a riqueza da contribuição científica, pedagógica e política dada pelo professor Ab'Saber e que, sem dúvida nenhuma, marcou, no campo da Geografia, de forma indelével a vida intelectual brasileira na segunda metade do século XX. Neste sentido, nenhum geógrafo nacional teve papel mais relevante que Aziz Ab'Saber.

Assim sendo, desde a solicitação dos organizadores do VII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada para que eu redigisse uma nota em homenagem ao professor, comecei a preparar este material, tendo, desde o início, optado por traçar um perfil do Prof. Aziz em boa parte

delimitado pelo período que marcou mais fortemente sua influência na formação dos geógrafos e particularmente daqueles voltados para o estudo da Geografia Física, com destaque para a Geomorfologia. Esta época coincide, grosso modo, com sua passagem pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo. Foi também a fase durante a qual teve maiores oportunidades de convivência e aprendizado com ele entre os anos de 1962 e 1982.

A ação que Aziz Ab'Saber desenvolveu na Faculdade de Filosofia e no Departamento de Geografia, atuando como pesquisador excepcionalmente dotado, como mestre na formação de alunos de graduação e pós-graduação, bem como organizador competente de espaços institucionais de reflexão acadêmica e investigação, justifica a decisão da Congregação desta Casa em lhe outorgar o título de Professor Emérito.

Por outro lado, vale a pena assinalar que a trajetória de Aziz Ab'Saber também é representativa do quanto o Estado de São Paulo deve às correntes migratórias que contribuíram para sua conformação atual. Por este motivo, quero começar esta saudação retomando um pouco a história da vida de sua família e, neste caso, devo agradecer aos subsídios fornecidos pela Profa. Nídia Nacib Pontuschka.

O Prof. Ab'Saber nasceu em São Luiz do Paraitinga, SP, filho de Nacib José Iunes e Juventina Maria Iunes. Quem era esse casal, do qual Aziz foi o segundo filho? Seu pai era libanês, natural de uma aldeia não muito longe de Beirute e, relativamente, próxima de Zahlé, situada no vale do Beká, além do monte Líbano. Chaim Iunes Ab'Saber era o avô, Nacib José Iunes, o pai. Nacib nasceu em fins do século passado e viveu sua infância e início da adolescência com a família, que sobrevivia de uma economia de subsistência camponesa, em um território que no decorrer do século XIX esteve sob controle de variadas potências. Dadas as dificuldades que a família enfrentava, o avô de Aziz Ab'Saber emigrou para o Brasil, passando longo período sem dar notícias de seu paradeiro. A avó do então jovem Nacib, temerosa

do que pudesse ter acontecido - inclusive, quem sabe, que ele tivesse se casado de novo na terra distante - o convence a vir para o Brasil, procurar o pai. É assim que ele, por volta de 1910 e com apenas 17 anos, sem conhecer o país, sua língua e cultura, aporta no Brasil em busca do pai, dispondo de recursos limitados. Na estação ferroviária do Rio de Janeiro consegue dizer para onde quer ir, em função de uma informação sobre o possível paradeiro do pai. Pede uma passagem para "Tobaté" (Taubaté), visando depois chegar a São Luiz do Paraitinga. Feita a viagem, desembarca na estação ferroviária, sem nenhuma referência, a não ser a ponderação de sua mãe de que certamente lá ele encontraria alguém que falasse árabe, tantos eram os sírio-libaneses que já haviam emigrado para o Brasil. Depois de perambular um pouco, senta-se em um banco na praça e observa as pessoas que por ela circulavam. Após algum tempo, eis que vê uma senhora, já de certa idade, cujo aspecto tinha algo em comum com o de sua mãe. Levanta-se e dirige-se a ela em sua língua materna, obtendo pronta resposta. Trava-se então diálogo em que ele relata a intenção de sua viagem. Teria ela ouvido falar de um senhor Chaim Ab'Saber? "Sim", respondeu ela. Ele estava estabelecido em São Luiz do Paraitinga! Para lá vai Nacib, após muitas peripécias, encontrando o pai bastante enfermo. Fica com ele até que se obtenha alguma melhora e se desvencilhe de alguns bens pessoais. Com dificuldade, voltam os dois para a aldeia natal, no Líbano. Seu pai, todavia, não se recupera mais e vem a falecer.

A situação política, econômica e social do Líbano, sob o controle francês, passa por um momento difícil, agravado pela 1ª Guerra Mundial.

Pondera-lhe a mãe, pela segunda vez, que talvez fosse bom voltar para o Brasil, estabelecer-se e, quem sabe, preparar o terreno para o restante da família. Assim, em uma nova viagem, Nacib José Iunes retorna ao Brasil em 1917, indo se estabelecer no espaço onde já havia vivido seu pai, após uma rápida experiência na cidade de São Paulo. Instala-se em São Luiz do Paraitinga tendo por base sua zona rural - um

verdadeiro sertão - modesto campo para suas atividades comerciais. Torna-se mascate e logo depois comerciante estabelecido na porta do mercado da cidade, obtendo bons resultados financeiros. Adquiria seus produtos no Rio de Janeiro e em São Paulo, através de viagens penosas e os vendia no sertão de São Luiz do Paraitinga. Nesta fase, Nacib conheceu uma jovem, de origem luso-francesa, vinculada a troncos familiares já estabelecidos de longa data no Vale do Paraíba. Como é sabido, houve uma tecelagem francesa nesta região, que depois foi desativada, mas que motivou a vinda de algumas famílias francesas que se estabeleceram no local e se amalgamaram com os habitantes luso-brasileiros de velha cepa. Chamava-se Juventina Maria, era natural de Lagoinha, no Alto Vale do Paraíba. A brasileira e o libanês logo se notaram e, embora ela fosse alguns anos mais jovem, casaram-se. Deste casamento nasceu uma primeira filha, que, infelizmente, teve morte prematura. Sucedeu-se uma segunda gravidez em que nasceu um menino. Era dia 24 de outubro de 1924. Recebeu o pequerrucho o nome de Aziz Nacib Ab'Saber, nome ordenado pelo chefe do Cartório de São Luiz. O menino cresce saudável, através de folguedos e caçadas de passarinhos pelos sertões de São Luiz do Paraitinga. Os passeios da família eram até Aparecida do Norte, Guaratinguetá e finalmente, Ubatuba, sendo a viagem para o litoral cheia de vida e peripécias. A descida da Serra era feita em lombo de burro, com o pequeno Aziz e os dois irmãos menores acomodados em um jacá. A viagem era longa e implicava pernoite sobre esteiras, que eles mesmos transportavam, em um "pouso" bastante movimentado. Visto através da névoa do tempo, podemos dizer que eram "os bons velhos tempos".

Todavia, vivendo em cidade de recursos modestos, a família tinha muitos problemas para superar. Então, muda-se para Caçapava. Desta forma os primeiros estudos são feitos nesse município: o primário (que ia até a 5ª série) foi iniciado em Caçapava e concluído em Taubaté. O jovem Ab'Saber veio, a seguir, sozinho para São Paulo em busca de curso superior, tendo ido residir em uma pensão, na Alameda Glete.

Distante do conforto da casa paterna, adoeceu e teve dificuldades para se recuperar, o que motivou grande empenho de sua mãe para que a família se mudasse para São Paulo, o que foi feito em 1941.

Inicia-se, então, sua trajetória pré-acadêmica e acadêmica, com a frequência ao curso preparatório para a Universidade e, em seguida, o ingresso no curso de Geografia e História, em 1941, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que havia sido fundada há poucos anos, e onde a presença de grandes mestres franceses, italianos e alemães era marcante. No caso de Geografia e História, a orientação francesa era determinante, estando entre os mestres o professor Pierre Monbeig, na chamada Escola da Praça, pois a Faculdade funcionava no prédio da "Caetano de Campos", Praça da República. Sobre esse período, o Prof. Ab'Saber escreveu interessante depoimento na *Revista Estudos Avançados* 8 (2), 1994.

Bacharelou-se em Geografia e História em 1944 e licenciou-se nas mesmas disciplinas no ano seguinte. Concluiu o curso de especialização em Geografia em 1947. Doutorou-se em 1956. E fez Livre-Docência em 1965. Finalmente prestou concurso para o cargo de Professor Catedrático de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo em 1968, adquirindo assim a posição de Professor Titular, que em boa hora substituiu o catedratisimo no Brasil.

Esta seqüência de datas de 1944 a 1968 pode sugerir uma carreira acadêmica sem grandes obstáculos materiais a transpor, o que não foi verdadeiro, particularmente, no período mediado entre o ingresso na Faculdade e o Doutorado, época em que Aziz Ab'Saber teve que enfrentar muitas dificuldades econômicas, pois as atividades comerciais da família não se refizeram com sucesso aqui em São Paulo. Tem ele então que se desdobrar, trabalhando em diversas instituições de Ensino Superior, para sobreviver e garantir a sobrevivência de sua família.

Sua atuação no campo da pesquisa e da docência inicia-se logo após a graduação, tendo sido contratado como prático dos Laboratórios dos Departamentos de Geologia (1946-1948) e de Geografia (1944-1957), recebendo uma remuneração modesta, embora fosse esta a única pos-

sibilidade de manter sua ligação com a Faculdade de Filosofia, que não dispunha de recursos para ampliar o seu quadro de docentes.

Esta situação levou o Prof. Aziz a engajar-se no magistério superior, atuando nos primeiros anos de sua vida acadêmica em diversas escolas. Professor de Geografia do Brasil e de Elementos de Geologia na FFCL da Universidade Católica de Campinas, de 1953 a 1959; de Geologia e Geomorfologia na FFCL de Sorocaba, de 1955 a 1962; de Geomorfologia e Aerofotogeologia na Escola de Geologia da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1960 e 1961; de Geografia Física na FFCL "Sedes Sapientiae" da PUC de São Paulo, de 1950 a 1964; de Geografia Humana da Faculdade de Jornalismo "Casper Líbero", de 1953 a 1964. Na PUC de Campinas iniciou suas atividades editoriais através da fundação da pequena revista *Notícia Geomorfológica*.

É na Universidade de São Paulo, todavia, que ele se fixa e produz grande parte de sua contribuição científica, pedagógica e cultural; na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, no Instituto de Geografia e, depois, no Instituto de Estudos Avançados onde é, atualmente, Professor Honorário.

Em 1953, sua situação funcional se altera para melhor na USP, passando a ser contratado como assistente extranumerário da Cadeira de Geografia do Brasil, que tinha como catedrático o professor Aroldo de Azevedo. A partir de 1958, assumiu a posição de professor-assistente da mesma Cadeira, situação que manteve até 1964, quando assume a regência do curso noturno de Geografia Física, que tinha como catedrático o professor João Dias da Silveira, mas que, momentaneamente, encontrava-se sob a responsabilidade da Profa. Elina de Oliveira Santos.

Dedicando-se integralmente, atinge condições mais favoráveis à docência e à pesquisa e cessa suas atividades nas escolas mencionadas anteriormente. Mesmo assim, pode-se avaliar o conjunto complexo e exaustivo de tarefas que ele tinha pela frente a partir deste extrato de seu contrato de trabalho em RDIDP, eu procurei alguma documentação nos arquivos da Faculdade e achei isso extremamente interessante: (...)

“sendo de sua atribuição: a) continuar a ministrar o curso de Geomorfologia do Brasil, junto à Cadeira de Geografia do Brasil; b) ministrar os cursos de Geomorfologia Geral, Geomorfologia Estrutural e Problemas de Geomorfologia, respectivamente para as séries A, B e C da Cadeira de Geografia Física; c) encarregar-se do curso optativo de Aerofotogeografia e continuar a organização do Laboratório próprio; d) representar a Cadeira de Geografia Física no curso de Orientação para Pesquisas; e) realizar excursões didáticas e de pesquisa; f) participar das reuniões semanais do Departamento de Geografia; g) prosseguir seus estudos de campo sobre os seguintes setores da Geomorfologia: 1) O Quaternário e os paleoclimas quaternários do Estado de São Paulo; 2) Domínios de paisagens inter tropicais no Brasil; 3) As “stones-lines” do Rio Grande do Sul e planalto de Lages; 4) Novos estudos sobre o sítio urbano de São Paulo; 5) Costões e Costeiras do Litoral de Santos; 6) Geomorfologia da bacia do baixo Curso do Ribeira” (...).

À época que o professor Aziz assumiu o RDIDP na Universidade, já havia firmado sua posição como pesquisador de sólida bagagem científica e se fazia já reconhecido, como bem demonstra o parecer exarado pela Comissão que examinou seu currículo e o entrevistou para ingresso neste regime, que registra (...) “O interessado é portador de um denso currículo que atesta uma vida intelectual intensa, com participação ativa em congressos e outras reuniões científicas, grande atividade docente curricular e extra curricular (...) Para realização de suas pesquisas já percorreu, praticamente, todo o território nacional, e como resultado destes estudos apresenta uma relação de 80 trabalhos publicados. Durante a entrevista o interessado causou excelente impressão, discorrendo com segurança sobre assuntos de sua especialidade. A Comissão manifesta-se, favoravelmente, ao ingresso do interessado no RDIDP”. E continuam como que se desculpando (...) “Por imperativo legal o ingresso do interessado no RDIDP deverá ser a título precário e em estágio de experimentação, muito embora a Comissão reconheça que o mesmo demonstrou sua capacidade como pesquisa-

dor, sendo portador de apreciável bagagem científica, não obstante ter trabalhado sempre em regime de tempo parcial”.

Neste período que atuou como docente e pesquisador junto ao Departamento de Geografia, Aziz Ab'Saber foi uma referência de destaque para seus alunos de graduação e pós-graduação. Suas aulas sempre foram muito concorridas e as excursões que ele organizava eram extremamente disputadas.

Fui seu aluno de graduação na década de 60 e compartilhei, como auxiliar, o magistério da disciplina Geomorfologia Estrutural na década de 70, o que me ofereceu a oportunidade de adquirir conhecimentos teóricos e metodológicos fundamentais, além de técnicas de pesquisa de campo na Geomorfologia que me acompanharam pelo resto da vida. As diversas excursões realizadas disciplinaram o olhar dos alunos no campo, permitindo que eles, através do estímulo da paisagem e da estrutura superficial dos depósitos localizados nos diversos pontos das vertentes e fundos de vales, desenvolvessem raciocínios complexos, apoiados em proposições teóricas e se iniciassem no desafiante mecanismo do entendimento e explicação da gênese da paisagem. Observar com o Prof. Aziz uma cascalheira em um terraço ou uma “stone-line” em um corte de vertente e relacioná-la com as unidades topográficas do relevo regional era o início de uma aventura intelectual que nos fascinava e nos iniciava no complexo correlacionamento dos princípios da estratigrafia com o da dinâmica temporal e espacial das transformações da paisagem terrestre.

Embora com presença extremamente forte na formação geomorfológica dos alunos, o professor Aziz teve papel relevante em todos os campos da Geografia, realizando estudos de Geografia Urbana, Geografia Regional, Geografia Econômica, Biogeografia, ampliando ainda sua atuação através de abordagens interdisciplinares com a História e a Arqueologia.

No Departamento de Geografia introduziu novas metodologias e novas técnicas de pesquisa, entre as quais merece destaque o uso das foto-

grafias aéreas, responsabilizando-se pela criação do Arquivo de Fotografias Aéreas, do Laboratório de Aerofotogeografia e do Laboratório de Geomorfologia e Pedologia. Seu papel na organização da infra-estrutura de pesquisa junto ao Departamento de Geografia e do Instituto de Geografia, criado no início dos anos 60, ampliou-se, interessando também ao Departamento de História e Instituto de Estudos Brasileiros com a criação do Centro de Documentação Histórica, graças ao inestimável apoio do então diretor científico da FAPESP, professor Wiliam Saad Hosne.

Dentro dos laboratórios do DG, de início, e nos do IG, depois, o professor Aziz atendeu centenas de alunos e profissionais que o procuravam, iniciando-os no campo da utilização das fotografias aéreas e da investigação geomorfológica.

Relevante foi seu papel na implantação do curso de pós-graduação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-USP, que aprimorado, posteriormente, é reputado de excelente qualidade. No caso da pós-graduação em Geografia sua atuação foi decisiva.

O Prof. Aziz exerceu muito raramente a chefia do DG, porém notabilizou-se como Diretor do Instituto de Geografia, unidade administrativamente pequena, mas de papel relevante no apoio à execução da pesquisa no âmbito da Universidade.

No IG, Aziz Ab'Saber caracterizou-se pela qualidade de editor de um número elevado de publicações e marcou um período editorial no campo da Geografia na Universidade de São Paulo que não encontrou paralelo em nenhuma fase posterior. Das diversas séries e revistas editadas pelo IG, destaco as Séries Geomorfologia e Climatologia, que renovaram os métodos e as técnicas de investigação no campo destas disciplinas e continuam, ainda hoje, servindo de base metodológica para os principais projetos de pesquisa com vistas à obtenção dos títulos de Mestre e Doutor.

Faz-se mister, neste ponto, uma tentativa de caracterização da produção geomorfológica do Prof. Aziz e seu significado nas mudanças dos paradigmas científicos de apoio utilizados entre nós.

Embora com produção muito expressiva antes de 1956, dedicada a vários campos das geociências e da Geografia, é o seu Doutorado, defendido neste ano, que pode nos dar uma indicação de como já se encontrava elaborado seu pensamento geomorfológico. Sua tese intitulada “Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo” (publicada em 1957 pela FFCL-USP, no boletim nº 219) consolida uma visão já mais avançada que a usual aplicação dos princípios da Geomorfologia davisiana até então largamente dominante. A grande atenção dada aos depósitos, e ao que mais tarde chamaria de estrutura superficial da paisagem, permite que o autor interprete a Geomorfologia deste setor do Planalto Paulistano, incorporando conceitos modernos como o das flutuações climáticas. Este estudo articula também este trecho do Planalto Paulistano com todos os problemas relevantes para a geomorfologia do Brasil de Sudeste, indo das questões de natureza tectônica e geológicas até aquelas de natureza escultural e processual, encerrando com uma abordagem pioneira sobre o modelado das vertentes e sua evolução.

Enquanto o doutorado teve como objeto de estudo um setor geomorfológico relativamente limitado do ponto de vista espacial, as duas teses seguintes apresentam como objeto amplos setores do relevo brasileiro combinando-se, em cada uma delas, os eixos espaciais e temporais de análise de tal forma que produziram uma notável renovação conceitual e metodológica no campo da geomorfologia e definiram balizas que marcariam a forma de atuação dos principais geomorfólogos do país a partir de então.

Estas duas teses foram, em parte, resultados da melhoria das condições de trabalho do Prof. Aziz após seu ingresso no RDIDP, associado ao imenso conhecimento do território brasileiro que ele já acumulava anteriormente e que pode, a partir de então, retrabalhar, de forma sistemática, através de um grande número de excursões para estudos de campo.

A tese de livre-docência intitulou-se “Da participação das depressões periféricas e superfícies aplainadas na compartimentação do Pla-

nalto Brasileiro”, tendo sido defendida em 1965 junto à Cadeira de Geografia Física da FFCL da USP.

Em 1968 defendeu a tese “Bases Geomorfológicas para o estudo do Quaternário em São Paulo”, apresentada para o concurso de Cátedra de Geografia Física da FFCL da USP.

A combinação destes textos integra todo um cabedal teórico-metodológico de renovação da geomorfologia em nosso país, alcançando projeção internacional e granjeando a Aziz Ab'Saber o reconhecimento da comunidade científica. Se é verdade que o processo de renovação do pensamento geomorfológico no Brasil já havia se iniciado com o advento do XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, em 1956, com a presença de pesquisadores de primeira linha como Tricart, Cailleux, Dresch, Birot e Raynal, é o trabalho de Aziz Ab'Saber, muitas vezes compartilhado com outros pesquisadores mesmo antes de suas publicações, que vai dar um novo ordenamento metodológico e conceitual à geomorfologia em nosso meio, permitindo uma abordagem cientificamente adequada e epistemologicamente integrada com as demais ciências naturais, humanas e sociais, que a colocaria em posição privilegiada nos estudos, objetivando o planejamento regional e a intervenção no território.

É assim, que o terceiro item da introdução de sua tese de concurso de cátedra intitulado “Um conceito de Geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário”, publicado em 1968 na Série Geomorfologia do IG, foi, sem dúvida alguma, uma das mais importantes contribuições metodológicas e conceituais no campo da geomorfologia brasileira.

Mesmo antes da apresentação desta tese, o Professor Aziz formalizara esta reflexão, ao registrar no relatório encaminhado à Comissão de Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa da Universidade, em agosto de 1967, ao terminar seu estágio probatório a seguinte conceituação: “Geomorfologia é o setor das geociências que trata da compartimentação da topografia e das formas de relevo de cada um

dos compartimentos regionais, em perfeita vinculação com o estudo da estrutura superficial da paisagem e da fisiologia da mesma". Tal modo de encarar nossa disciplina, dentro de uma definição pessoal, poderá evitar o caráter de estudo geométrico e, puramente, topográfico que predominava na geomorfologia clássica, de raízes davisianas, assim como poderá evitar que se derive para uma geomorfologia puramente geológica e altamente parcial. Para a elaboração de verdadeiras pesquisas geomorfológicas, julgamos tão útil se distanciar de um estudo puramente topográfico quanto de um estudo puramente geológico. Há uma estrutura superficial de paisagem que depende da interação dos fatores climáticos sobre os fatores geológicos e que merece uma consideração tão grande quanto o estudo das formas topográficas e do embasamento geológico. Será sempre através da geologia do Quaternário e dos processos morfoclimáticos e pedogênicos que se poderá dar consistência à Geomorfologia científica.

Tais fatos equivalem a uma tomada de posição. E, em face a nossa consciente filiação a tais rumos da Geomorfologia moderna, procuraremos orientar nossa obra futura nessa direção. Se é que para nosso trabalho de Livre-Docência escolhemos uma temática relacionada à compartimentação topográfica "antiga" (no caso, Cenozóica), para os nossos futuros compromissos universitários pretendemos efetuar pesquisas que digam respeito à evolução integrada da paisagem, através do conhecimento de sua estrutura superficial e de sua fisiologia. Sabemos, de antemão, por outro lado, que para atingir todos esses objetivos deveremos emprestar conhecimentos da Geologia do Quaternário e da Pedologia.

Durante os quatorze anos seguintes continua o Prof. Aziz sua tarefa no DG e no IG, orientando um número expressivo de alunos de graduação e pós-graduação, muitos dos quais, posteriormente, se tornarão referências no campo do ensino e da pesquisa. Sua trajetória, no decorrer desses anos, incluiu forte participação no "tombamento" de regiões naturais e uma intensa busca de dados sobre a teoria dos redutos florestais e refúgios de faunas, em colaboração com Paulo Emílio Vanzolini.

Em 1º de outubro de 1982, o Prof. Aziz aposenta-se, embora continue mantendo até hoje fortes laços com a USP através do Instituto de Estudos Avançados, onde, voluntariamente, passa a atuar ativamente em temáticas que associam a Geografia às Ciências Ambientais em sentido amplo. Vai ele ser o orientador científico do Projeto FLORAM. Passa também a ter uma atuação relevante na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da qual é um dos presidentes de honra.

A ação de Aziz Ab'Saber, desde o início de sua carreira, sempre foi brilhante e fortemente articulada com iniciativas modernizadoras do país, como, por exemplo, o Projeto RADAM-BRASIL e as iniciativas pedagógicas da FUNBEC, não havendo aqui necessidade de lembrar sua ativa participação em inúmeras sociedades científicas, interessando a um campo diversificado de especializações. Foi também marcante sua passagem pelo CONDEPHAAT paulista e pelo IBILCE-UNESP, onde ativou o setor editorial, modernizou a estrutura administrativa e de pesquisa e pôde reparar injustiças cometidas no período da Ditadura. O certo é que Aziz nunca tolerou injustiças ao mesmo tempo em que nunca incentivou mediocridades.

O mérito da obra de Aziz Ab'Saber foi reconhecido em várias oportunidades. À guisa de exemplo lembraria seu ingresso na Academia Brasileira de Ciências e na Academia de Ciências do Estado de São Paulo; o agraciamento pelo governo francês com a "Palma Acadêmica" em 1965 e o "Prêmio Jabuti", no ano de 1997, pelo livro *Amazônia: do Discurso à Práxis*. Em 1998 foi contemplado com o "Prêmio Moinho Santista".

A atuação política do Prof. Ab'Saber tem tido forte repercussão e ele age de forma decisiva em defesa de uma sociedade mais justa e equilibrada em suas relações sociais com o meio ambiente. Para isso, tem se dedicado mais recentemente ao estudo do metabolismo urbano das grandes Metrópoles.

Nós, seus ex-alunos e discípulos permanentes, seremos sempre gratos e auguramos longa vida e saúde ao mestre!

Muito obrigado.

DISCURSO PROFERIDO QUANDO
DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

AZIZ NACIB AB' SABER

Não me presto muito para homenagens, pois sou chorão e, evidentemente, fico extremamente emocionado. Tal como fiquei com as palavras e a história, muito detalhada, de meu companheiro e colega, Prof. Dr. Avansi, mas eu não posso evitar dizer algumas coisas que aconteceram ao longo de minha vida e vivência na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tenho para com essa Faculdade alguma coisa de filial, de emocional e de memória. Eu tomo conhecimento discreto de tudo o que se passa na minha Faculdade e na minha Universidade e defendo a universidade pública em função da história da Faculdade de Filosofia. Não defendo a universidade pública apenas por uma questão corporativa, mas por uma questão de consciência. Além disso, eu o faço por questão do padrão de trabalho que se desenvolveu ao longo dos anos nesta casa e nesta Universidade.

Gostaria de contar aos meus amigos algumas coisas que nunca irão vigorar no relatório da minha vida. A primeira vez que eu senti a problemática cultural essencial para o Brasil, país de dimensões continentais e grandes desigualdades sociais e um país que ainda escondia estoques em humanidade pré-histórica lá nos sertões da Amazônia, foi quando o Prof. Roger Bastide nos falou sobre a importância da História. Eu devo dizer aos meus colegas da Geografia que eu entrei na Faculdade por causa da História, e eu me emocionei com uma História

que era capaz de ver o suporte físico e ecológico da Geografia Humana, da Geografia por Espaço Total. Então, eu me dirigi para São Paulo ciente de que era importante estudar História em uma faculdade diferenciada para ser, talvez, um professor de História. Mas, naquele momento, em plena Segunda Grande Guerra, era muito difícil para alguém simples, de berço simples e com recursos mínimos, pensar em ser historiador. Haveria que se poder comprar livros, visitar áreas, visitar arquivos. Eu percebi isso muito cedo, mas não foi por isso que eu desisti da História, foi porque a Geografia me emocionou com as excursões de campo. No primeiro dia de aula aqui na nossa Faculdade, o Prof. Monbeig deixou uma notinha dizendo: “A primeira aula será uma excursão de campo, venham com roupa adequada”. Tanto que, a moça que veio de salto alto para a excursão teve que abandonar o curso, pois o Prof. Monbeig disse uma série de coisas que ela não gostou. Nós, que éramos muito humildes, tivemos a oportunidade de fazer uma excursão interessantíssima de São Paulo a Sorocaba, Embu, Campinas e arredor. Essa excursão marcou a minha vida, essa é a área que eu mais estudei e que continuo estudando e defendendo.

Está aqui em São Paulo, até amanhã, o Diretor do Museu de La Ciència de Barcelona. Ele é um gênio. Eu o levei para Itu para ver os varvitos e falando-lhe que ele precisa mostrá-los na parede geológica de muitas dezenas de metros que ele quer criar em seu museu, colocando colunas de rochas de diversas partes do mundo, ele me disse que a mais bonita coluna certamente seria a dos varvitos de Itu. Mas, não porque os varvitos sejam uma rocha estratificada muito fina e argilosa, nem porque eles sejam rochas rítmicas que são capazes de ter os ritmos dos climas anuais uma fase de inverno e uma de verão. A de inverno é uma massa argilosa que se forma num lago coberto pelo gelo e a de primavera/verão é a linha fina que caiu sobre a primeira delas. Essas duas representam um ano da vida geológica de um fundo de lago. Dá para sentir o ritmo dos climas do passado e, mais do que isso, dá para imaginar – e esse foi o primeiro problema que eu enfrentei na

ciência – a África e o Brasil emendados, não pela linha da costa, mas razoavelmente pelo contorno geral e os climas que existiram no Brasil a na África. Houve um período glacial fortíssimo no continente de Pangea, ao sul do continente, mais próximo do pólo surgiu uma glaciação muito intensa que arrastava a areia através do caminhar das geleiras, onde essa areia se acumulava e através delas se formavam lagos. Esses lagos estão representados pelos varvitos.

Eu me convenci, desde o começo dos meus estudos, que era verdadeira a teoria de Berger: houve separação de continentes em determinado momento, entre os fins do Triássico e o início do Cretássio. Foi a primeira surra que eu levei da crítica. Queria contar isso a vocês: um grande professor que, naquela época, dava aulas na Escola Botânica, procurou o Prof. Haroldo de Azevedo e disse: “Esse menino não pode entrar diretamente em considerações sobre a separação dos continentes, é cedo! Além disso, ele está errado, porque eu provei que não houve essa separação”. Eu fiquei quieto e levei um puxão de orelha do mestre Haroldo. Não passaram dois anos o professor que fez aquela crítica visitou a casa de minha primeira mulher, convidou a minha filha para dar um passeio e deixou seu recado: “Olha, eu acho que Aziz tinha razão. Está havendo algumas mudanças de método de trabalho que vieram para o Brasil com um pesquisador inglês que estudou, através dos derrames de lava, a orientação dos minerais e, ajustando os eixos dessas orientações, chegou a conclusão de que só poderia ser derramada essa lava num momento de grande tensão de separação entre os continentes”. Eu fiquei contente, porque foi a primeira vez na vida que eu enfrentei uma crítica de pessoa categorizada, essa crítica não valeu por ela só, mas valeu pela possibilidade de que eu estava numa linha certa. Foi definitivo para minha carreira.

O Prof. Roger Bastide marcou a minha vida. Um dia, num curso de Sociologia Educacional, Bastide, que era baixinho e falava enrolado, chegou para nós que éramos alunos de várias áreas (Geografia, História, Ciências Sociais) e disse: “Eu tive que preparar um curso de Socio-

logia Educacional para ministrar a vocês. Só que a minha biblioteca principal está em Paris, tenho poucos livros em minha casa, então pincei o que mais marcou minha vida: *La Sociologie des Siècles Nouveaux* de Marcel Proust. E, de repente, descobro o eixo desse curso. Esse eixo é o seguinte: o homem é o único ser vivo na face da Terra, capaz de restaurar a trajetória das espécies em todas as regiões do mundo”. Então, ganhei uma responsabilidade a mais. Se o homem é o único ser vivo do planeta Terra capaz de restaurar a história da sua trajetória humana desde a pré-história até a história, era preciso que os governantes e as elites tomassem consciência dessa problemática e dessem às pessoas de todas as classes sociais a oportunidade à socialização do conhecimento, necessária para que isso entrasse para a doação cultural. Ninguém nasce sabendo, mas a obrigação é tentar ampliar ao máximo a cultura dos mais diferentes estratos sociais.

Pouco depois desse acontecimento, uma chave para a minha vida, veio uma frase do Prof. Prudel, que não chegou a ser meu professor, mas era uma pessoa idolatrada pela sua cultura, gentileza social, generosidade cultural e criatividade. Ele dizia em um de seus cursos, que “a História é a história de todas as histórias”. É a minha história, e é a história do meu bairro, e a história da minha cidade, e a história do meu país e a história do mundo. Isso ampliou bastante a minha cabeça em termos da necessidade de lidar entre a Geografia humana e física e ver a quantidade de áreas de estudos históricos. Mas também ocorreu um outro fato, o Prof. Pierre Monbeig, um geólogo e professor de geografia muito acatado dentro dos padrões acadêmicos de sua época e entre seus colegas da Sorbone, veio com a equipe de professores franceses para a Faculdade logo depois de ter estado aqui o maior cérebro da Geografia Física da Europa inteira, que era Emmanuel de Martonne. Ele era um homem difícil, foi sempre muito criticado por ser rígido demais. Se alguém me chama rígido, não consegue imaginar o que era Emmanuel de Martonne. Era exigente, não compartilhava de forma alguma com a mediocridade, mas durante a invasão alemã em Paris,

continuou a dar aulas normalmente na Sorbone, ainda que, com os oficiais invasores presentes em sala de aula. Nosso ônibus nas excursões de campo para o Vale do São Francisco, Pantanal ou quaisquer outras áreas, se chamava Emmanuel de Martonne. Ninguém sabia direito quem era o grande geógrafo francês, mas Pierre Monbeig marcou muito.

Eu fiquei muito doente por excesso de trabalho. Tive que trabalhar em vários lugares para formar aquilo que corresponderia aos proventos de um professor assistente. Trabalhava na Faculdade Casper Líbero e não tirava dinheiro nenhum, nem a comida necessária para minha casa. Trabalhava na PUC e recebia umas coisinhas pequenas. Trabalhava em Campinas sem dinheiro. Em 59 e 60 foram os dois únicos anos em que eu fui trabalhar em Porto Alegre na Escola de Geologia da Faculdade de Filosofia, dando aula com um geólogo de um lado e um geógrafo do outro, um período muito importante da minha vida. O Pierre Monbeig, quando voltei a frequentar a Biblioteca Mário de Andrade – eu não tinha jornais em casa, não tínhamos condições de gastar nada, então eu ia ler os jornais no salão da Biblioteca – de repente, chegou e me perguntou se eu havia melhorado de saúde, ao que respondi: “Graças a Deus, eu sarei e vou retomar o curso”. E ele disse: “Pois é, eu lhe encontro aqui, mas não encontro muitos outros que gostaria”. Com isso o Prof. Monbeig se tomou de uma amizade cultural muito grande por mim, e um dia ele tomou um trabalho meu em que eu partia de observações de campo e chegava a algumas conclusões teóricas não muito boas. Ele me chamou de lado e disse: “Não saía dos processos analíticos por anos, antes que você possa entrar nos processos teóricos, na teorização. Você tem condições de fazer isso”. Com esse conselho continuei nos trabalhos de campo. Um conselho bem dado no momento oportuno modifica a vida da gente. Se tivesse que fazer uma das raras críticas à minha Faculdade e à minha Universidade, eu diria isso: não sejam afoitos em teorizar antes de ter pesquisado, de ter sofrido no processo de análise das coisas. Nunca se dirijam aos jornais ou às revistas semanais para relatarem suas idéias

sem antes terem oferecido as idéias perante a comunidade científica. É um erro magistral alguém sair daqui e ir falar para a *Veja* e, mais tarde, em função do reflexo daquelas idéias, trazer atraso para sua carreira. Fico tremendamente raivoso quando vejo isso, não com a pessoa, mas pelo fato de ela não ter tido aquelas indicações que o mestre Monbeig me deu no lugar e hora certas.

Estive há poucos dias em Cubatão. O Prof. Dr. Jacques sabe do esforço no sentido de defender a implantação de uma unidade da Universidade de São Paulo na Baixada Santista e, sobretudo, em Cubatão. Como geógrafo, tenho que dizer que eles deveriam encontrar um ponto de centralidade entre São Vicente, Santos e Cubatão, e assim, seria a Universidade da Baixada, que não aconteceu, ainda, por uma série de fatos que interferiram no processo. Em Cubatão, o pessoal convidou os alunos dos colégios para assistirem a diversas apresentações. O diretor dos engenheiros da Petrobrás começou projetando uma série de transparências em que estavam escritas coisas muito tristes para nós brasileiros: as palavras de Henry Kissinger, as palavras de Al Gore e as de outras personalidades quase que pressionando o Brasil através do FMI e de nossa própria falta de resistência. Falta de resistência dos universitários e dos homens esclarecidos, pressionando para que “eles” dêem abertura às suas economias e, com dignidade, aos seus progressos econômicos. Confesso que tive vontade de adquirir aquelas transparências, porque eu não acreditava que Kissinger tivesse dito aquelas coisas. Mas eu sabia de uma coisa: quando houve o grande incêndio em Roraima e o meu amigo Muller me deu a oportunidade de ir observar os fatos que estavam ocorrendo, e eu escrevi sobre isso num pequeno trabalho publicado na *Revista de Estudos Avançados*, nessa ocasião, um general norte-americano dizia: “Os brasileiros provaram que não têm condições de gerenciar a Amazônia”.

Ou seja, em certo momento quem deve gerenciar a Amazônia não somos nós. Isso me deixa positivamente entristecido com as mentalidades agressivas do primeiro mundo que moldaram uma ideologia

para ser colocada nas cabeças das elites do terceiro mundo, elites essas que são comuns às existentes nessas terras brasileiras e, sobretudo, nessa minha cidade desse meu estado. Nunca se preocuparam com os problemas dos que vivem na carência, nunca tiveram qualquer ação realmente generosa, sensível com as desigualdades sociais. Nós universitários temos tido; eles não tiveram e deixaram acontecer coisas e empréstimos dolorosos na sua somatória.

Quando eu era um jovem geógrafo, no curso de Geografia das Colonizações, o mestre Monbeig dizia, repetindo diversos autores da época: “Existem colônias de povoamento, colônias estratégicas e colônias de enquadramento”. E ele explicava que, essas últimas, eram o enquadramento político e burocrático de um país inteiro, como os ingleses fizeram na Índia. Então, fico pensando, que a globalização e a interação financeira, que destrói e desindustrializa os países que mal tinham começado, é uma colonização de enquadramento. Eu não tenho nenhuma dúvida sobre isso: nós estamos sob o império desse enquadramento. Eis porque eu reclamo de coisas na Universidade. Nós temos que tomar consciência da nossa necessidade de resistir a tudo isso. Mas, sem políticas partidárias pelo amor de Deus. Eu também tenho relações partidárias, mas sempre tive a noção de que para ser cientista é preciso estar longe dos problemas partidários, longe dos problemas étnicos, longe dos problemas religiosos, mesmo porque, sem esse distanciamento, não se faz boa ciência. Tive a desagradável surpresa de, outro dia, encontrar uma colega no Ceará, uma das regiões que eu mais admiro – sempre digo que se não tivesse nascido em São Luiz do Paraitinga, optaria por ter nascido em Quixadá no sertão do Ceará. Ao encontrá-la no aeroporto, ela me disse: “eu não tenho mantido relações com você porque você agora é político”. Parece que ainda existe um estigma.

E por que o Lula está aqui hoje? Teve a gentileza de vir assistir o Aziz que não é político e não tem peso político e que pode até prejudicar em alguns momentos as campanhas de alguns amigos. Eu fui con-

tra a transposição das águas no nível simplório quando ela estava sendo discutida, não porque eu inventei que tinha que ser contra a transposição das águas, mas porque eu conhecia os rios e sabia que a população pobre fazia cultura de vazante ao longo do rio inteiro. O único espaço que o pobre tinha, era o leito seco do rio que ficava seis meses sem água. Eles, então, iam fazendo suas plantações, uma verdadeira multi-cultura de nível muito bonito de tipos de produção agrícola e, eu sabia que se soltassem um pouco de água lá, as vazantes iam se perder e o único espaço público também ia se perder. Sei disso, porque um dia, seguindo aquele método do Prof. Monbeig, que parava em qualquer lugar, fazendas ou cidades, com a maior tranqüilidade e começava a perguntar coisas através de entrevistas demoradas, simples e singelas, eu repeti esse método nos meus poucos trabalhos de Geografia Urbana. Parei na beira do Jaguaribe, próximo de Jaguaribara, e observei os leirões transversais ao leito do rio e as pessoas trabalhando neles. Pedi licença para conversar um pouco com uma delas e ela me disse: “Não é fácil a nossa vida, o único espaço que nos é destinado é o leito do rio. E nós ainda temos que fazer as coisas de modo cronometrado, à medida que a água desce, esperamos os dias em que é possível fazer leirões com a própria areia do rio e plantar um pé de milho, um pé de mandioca, um pé de feijão. Com isso, abastecemos as feiras livres do sertão, mesmo porque, os proprietários e criadores de gado da beira alta não fazem outra coisa que não seja negociar com o gado e, além disso, fazem uma coisa terrível em relação a nós, os fazendeiros. Eles pedem à Sudene para soltar a água dos açudes e ao fazer isso quebram a continuidade das nossas vazantes. Isso tem acontecido com frequência”. Aí, eu me “arretei” e digo que se não houver reforma agrária vinculada com a transposição das águas, nada será feito em favor da sociedade sertaneja e dos homens de todos os segmentos da sociedade.

Aqui chegados, uma homenagem muito sincera aos nossos dirigentes da Universidade, da Faculdade, dos Departamentos; aos nossos companheiros aqui presentes de todas as procedências; sobretudo

aos alunos que são a esperança real de modificações nesse mundo, ressentidas nesse ano 2000 com grandes e inauditas dificuldades por causa das diferenças sociais. Eu fico desesperado quando atento para a irresponsabilidade de quem diz: “O povão pensa assim, essa gente pensa assim”. Por que “essa gente” se eles são representantes da sociedade humana, se eles são nossos irmãos que nasceram em outro berço? Sobre isso, escrevi a frase que mais me agradou: “Ninguém escolhe o berço ou a nacionalidade para nascer. Nasce onde as oportunidades ocasionais determinaram”. Então, os que nasceram em berço mais abastado têm o dever humano de ter uma religiosidade terna e um missionarismo perfeito para com os que nasceram num berço mais pobre.

Mas, o que eu queria dizer em função desse tipo de abordagem, que é muito particular minha, é o problema da consciência que deve existir em uma sociedade como a nossa e que deve extravasar todos os segmentos da sociedade e todos os governantes a nível federal, estadual e municipal, é o seguinte: nós, que estamos aqui presentes, representamos uma consciência técnica, científica, social, cultural e jurídica. Tivemos a felicidade de fazer cursos, de ouvir pessoas, de ter paradigmas. Então temos uma consciência múltipla. Por isso mesmo, temos que colocar essa consciência a serviço da sociedade como um todo, enquanto, por outro lado, há gente que age como se existisse uma pirâmide que sai do ser humano e sobe até chegar no ápice extremamente pequeno das altas burguesias e das elites que nem sempre ficam em evidência em relação às sociedades das quais participaram e das quais tiram proventos fantásticos. Vejam bem, usando a consciência com as aspirações de todos os segmentos da pirâmide social, inclusive os chamados produtores. O mundo urbano industrial ainda é base de um certo desenvolvimento global, mas se cruzarmos a consciência múltipla com as aspirações muito diferenciadas e sempre favorecermos a base inchada da pirâmide, nós estaremos fazendo um grande fato social. Tiraremos as propostas entre as aspirações e a consciência. As propostas técnicas estão mais próximas da consciência e as propostas so-

ciais estão em função daquilo que as pessoas mais simples puderem nos falar sobre os seus problemas, a sua miséria, a sua marginalidade.

Eu posso dizer aos senhores que eu me divido entre a ciência e a seqüência de trabalhos de pesquisa e, no momento, estou trabalhando numa coisa muito simples, que é ver se os governantes mudam o Código Florestal para um Código das Biodiversidades. O Brasil não é só floresta, apesar da grande área da Amazônia e da Mata Atlântica. O Brasil tem os cerrados, as caatingas, as pradarias mistas, os planaltos de araucária. Hoje, no fim do século, não basta um Código Florestal, precisamos de um Código das Biodiversidades para atingir tudo. Inclusive com um gerenciamento muito particular e estudado, não um Código feito na burocracia de Brasília, que é de uma incompetência, insensibilidade e frieza total.

Esta possibilidade de cruzar conscientemente, competentemente, segundo as diferentes áreas com as aspirações de todos os segmentos da sociedade, valorizando quem mais precisa, é o único socialismo remanescente. Um socialismo democrático e humano, dentro daquelas idéias que se propõe utopias. Essas propostas têm que ser submetidas ao Legislativo, ao Executivo e têm que ter sua normatividade julgada pelo Judiciário, não vamos esquecê-lo. E também devo dizer que a consciência técnico-científica inclui as pessoas esclarecidas, os intelectuais de diferentes áreas da cultura, os artistas, os jornalistas, e, por isso mesmo, nós formamos um bloco de privilegiados que deve pensar na base inchada da pirâmide social, que não tem ninguém que pense por ela. Apenas tem a imagem do povão, gente que vive da impossibilidade de recursos. Existem maneiras e estratégias mil para servir aquela base, sem que sejam necessários muitos recursos. Os grandes recursos já provaram, através das privatizações que nós tivemos nos últimos tempos, que eles não valem nada. Eles não migraram, eles não foram elementos de dinamização econômica, cultural nem social.

Nós da Universidade temos que nos aprimorar. Às vezes fico um pouco triste com a Fipe, pois eles fazem alguns cálculos que não com-

binam com o que eu, que sou comprador de supermercados e feira, sinto. Queria dar um recadinho à Fipe, para que ela seja mais abrangente e estratégica ao verificar os padrões de inflação. Pessoal, desculpe o desabafo dessas palavras, mas, perante vocês, não tenho cerimônia nenhuma. Aqui há alunos, há mestres, há pessoas da mais alta relevância, como é o caso do Prof. Antonio Candido, do Prof. Eduardo Fontes, dos professores aqui presentes nessa mesa. Sem cerimônia eu digo: vamos insistir e dar a volta por cima.

O nosso ilustre homenageado, Prof. Dr. Aziz Nacib Ab'Saber, afirmou certa vez que em sua juventude, não podendo comprar muitos livros de geografia, decidiu “ler a paisagem” como forma de aprendizado. Hoje, sendo o geomorfologista brasileiro mais respeitado em todo o mundo, podemos apontá-lo também como um agudíssimo “leitor do Brasil”. Não apenas leitor e intérprete de sua complexa natureza, que inclui o nordeste seco, a Amazônia, o cerrado e o planalto das araucárias, mas o leitor atento dos nossos problemas socioeconômicos. O introdutor, entre nós, do conceito de “geografia humanista” – muitas décadas antes, por exemplo, de Antoine Bailly e Renato Scariati, autores do livro *Voyage en Géographie*, que vem causando forte impressão na comunidade científica internacional. A idéia que permeia todo o livro coloca sempre o homem como centro das atenções, qualquer que seja a problemática geográfica em análise. A geografia humanista, seguindo Bailly e Scariati, convida o pesquisador a explicar suas próprias atitudes, sua vida, seus sentimentos, integrando-se voluntariamente no universo de estudo. Sabemos todos que o Prof. Dr. Aziz Ab'Saber sempre teve esta conduta ao longo de sua exitosa carreira científica.

É este intelectual ao mesmo tempo sábio e generoso que hoje estamos homenageando. Um intelectual que não vê o seu país apenas como objeto de análise, mas igualmente como cenário de injustiças que ele se esforça por diagnosticar e denunciar. Defendendo uma proposta de redirecionamento das nossas políticas públicas, já disse que “não adian-

ta ter noção de espaço se não houver um conjunto de estratégias que viabilizem o que se julga correto". E, dizendo isso, logo deixou claro que não se poderia formular uma proposta para a Amazônia considerando simplesmente geomorfologia regional. Era indispensável enxergar toda a área como um conjunto de fatos sociais e políticos, físicos e ecológicos, tendo como pano de fundo uma lamentável "filosofia da devastação" ali dominante. Registre-se, a propósito, o seu livro *Amazônia – do discurso à práxis*, um marco na história do ambientalismo brasileiro, que foi recentemente editado pela Universidade de São Paulo. Nele Aziz Ab'Saber abre fogo contra as propostas distanciadas da realidade local e expõe, com extraordinária lucidez, o seu pensamento a respeito das questões cruciais daquela região vital para os destinos da humanidade.

Mas esse brasileiro crítico e indignado foi o mesmo que conheci no Projeto FLORAM, empenhado em construir uma ponte entre a universidade e os empresários, fomentando um diálogo sempre difícil, mas não necessariamente condenado à inviabilidade. Cito textualmente as palavras do professor Aziz Ab'saber numa entrevista concedida à *Revista Ciência Hoje*: "O projeto FLORAM me deu acesso a áreas que estavam mais ou menos bloqueadas para debates. Os empresários não vinham à universidade porque a consideravam um antro de esquerda festiva e temiam que, ao revelar seus projetos, nós os combatêssemos. Através do Projeto FLORAM, eles passaram a ter informações que desconheciam e a receber conselhos impensados. Os contatos têm sido muito úteis para associar desenvolvimento com proteção ecológica. Muitos empresários aprenderam a respeitar a universidade e a aceitar, em tese, nossas propostas".

Devo sublinhar aqui, a respeito do Projeto FLORAM, que a presença do Prof. Aziz Ab'Saber foi decisiva para que o programa alcançasse a dimensão científica e o prestígio internacional que veio a conquistar. Estou certo de que todos os que nele trabalharam, no âmbito do Instituto de Estudos Avançados, compartilham desta opinião.

Deste novo e ilustre Professor Emérito podemos dizer o mesmo que ele próprio disse do mestre Pierre Monbeig, um dos fundadores da Universidade de São Paulo: de modo permanente e espontâneo é capaz de "refletir em voz alta, através de mensagens e conselhos do maior bom senso imaginável, dirigidos a seus alunos, colegas ou eventuais visitantes culturais".

Outros colegas poderão igualar-se a Aziz Ab'Saber, como exemplos de vida universitária. Certamente, porém, nenhum poderá superá-lo. Ele é, se podemos usar a expressão, um "ser acadêmico" em sua plenitude. Sabe, como poucos, aliar o pensamento crítico e o incessante desejo de buscar saídas para os dilemas nacionais.

Por tudo o que fez e ainda fará pela ciência brasileira e por uma academia socialmente comprometida, o seu nome figura, a partir de hoje, na seleta galeria dos nossos Professores Eméritos. A Universidade de São Paulo tem todos os motivos para orgulhar-se deste fato. Aceite, caro Prof. Ab'Saber, as homenagens do Reitor da nossa instituição. Um Reitor transitório, mas que tem a honra de ser, para sempre, seu amigo e admirador.

Muito obrigado.

PROF. DR. JACQUES MARCOVITCH
MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Título	Outorga do Título de Professor Emérito a Aziz Nacib Ab'Saber
Editoração/Criação	Serviço de Divulgação e Informação
Coordenação	Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros - MTb 35814
Diagramação	Dorli Hiroko Yamaoka - MTb 35815 Wiviane Ribeiro do Carmo
Revisão	Lúcia Helena Ferreira Fernanda S. F. de Abreu
Formato	15 x 21 cm
Impressão	Gráfica FFLCH/USP
Tiragem	200 exemplares